

FÓRUM DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE SANTA CATARINA

## A EJA EM SANTA CATARINA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID -19

*Lograda ao ostracismo desde quando fora institucionalizada, a EJA nos dias atuais espelha de modo rotundo sua essência periférica, aligeirada, precária e insuficiente, com graves consequências para reprodução social e material dos trabalhadores ao longo da formação social brasileira. (ANDRADE, 2020)*

Adriana Sanceverino<sup>1</sup>

Daniel Godinho Berger<sup>2</sup>

Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin<sup>3</sup>

Maria Cristina de Oliveira Athayde<sup>4</sup>

Rita de Cássia Pacheco Gonçalves<sup>5</sup>

### I - Introdução

Este documento é resultado do esforço coletivo do Fórum de Educação de Jovens e Adultos de Santa Catarina - FEJA SC em sistematizar o que tem sido a experiência vivida por professores(as), estudantes e gestores(as) dessa modalidade da Educação Básica no contexto da pandemia da Covid-19. Essa breve reflexão tem por objetivo evidenciar e COMpartilhar junto aos sujeitos que vivenciam a EJA no estado de Santa Catarina sentimentos, apostas, alcances e frustrações que permeiam esse momento contraditório vivido por todos nós, encharcado de emoções que oscilam entre avanço do vírus, o acirramento das desigualdades sociais já sempre presentes na

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional/PPGPE/UFS; Líder do Grupo de Pesquisa em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas – GEPEJAI/UFS. Membro do Fórum de EJA/SC.

<sup>2</sup> Professor da EJA na Rede Municipal de Ensino. Doutorando em Educação (PPGE/EPEJA/UFS). Presidente do FEJA/SC.

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em EJA/UFS e membro do Fórum de EJA/SC.

<sup>4</sup> Professora do Ensino Fundamental. Mestra em História Cultural(UFS) e membro da coordenação do FEJA/SC.

<sup>5</sup> Professora aposentada da rede básica. Doutora em Educação. Coordenadora do FEPE-SC e membro da coordenação do FEJA/SC.

trajetória da EJA e marcado por um misto de busca pela utopia, lutas, lutos e indignações.

O texto reúne uma leitura síntese dos dados obtidos por meio de um levantamento realizado com o envio de um formulário *online* sobre a situação da EJA neste período de pandemia, no qual estudantes, professores(as) e gestores(as) foram orientados a permanecer em isolamento social, interrompendo o andamento regular da oferta de EJA, assim como das demais etapas e modalidades da educação.

Ao chegar em nosso cotidiano, o vírus não pediu licença e nos colocou em uma situação que tem de um lado, a importância de reconhecimento do direito à educação por parte dos segmentos mais atingidos pela crise sanitária e de outro, os alcances e limites possíveis em um contexto que convida todas as pessoas envolvidas em educação a pensar sobre os sentidos da escolarização nesse momento histórico.

Isolados(as) nos lares, utilizando os seus próprios recursos tecnológicos, professores(as) e gestores(as) da EJA buscam alternativas para garantir o direito à educação àquelas pessoas que compõem o segmento da população que experimenta o trabalho mais precarizado, o trabalho informal, o desemprego, o subemprego, a exploração da terceirização. São justamente as pessoas que têm que sair do isolamento para ganhar a vida fora do lar em situações de exposição ao vírus que, quando retornam para suas casas, têm as atribuições familiares, os afazeres domésticos, a responsabilidade de cuidar de si, cuidando de outros, como os filhos, os pais e avós. É para essas pessoas, que tem sido oferecida a atividade remota como alternativa do gozo do direito à Educação e, é nesse contexto que também se multiplicam desigualdades sociais.

Nessa caminhada iniciada desde o início da pandemia em abril de 2020, os sujeitos da EJA – professores(as), gestores(as) e estudantes têm vivenciado a experiência de reinventar-se em um processo que demonstra a contradição entre o desafio de promoção do direito à educação, a defesa do emprego, dos direitos trabalhistas e a adoção de alternativas que reproduzem a continuidade e a extrapolação das desigualdades sociais, demonstrando as (im)possibilidades deste momento.

É importante destacar que essa situação vem ocorrendo na esteira de um processo que marca uma intensa queda de matrículas na EJA ao longo da última década. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), enquanto em 2010, os estudantes da EJA abarcavam 8,3% do total de

matriculados na Educação Básica no Brasil, em 2019 somaram apenas 6,7%, representando 1.051.919 matrículas a menos.

No Estado de Santa Catarina 136 mil pessoas maiores de 15 anos não são alfabetizadas, um milhão e 754 mil pessoas com 25 anos ou mais não tem o ensino fundamental completo e 743 mil pessoas com 25 anos ou mais concluíram o fundamental, mas não chegaram ao fim do ensino médio (PNAD, 2019). Frente a essa demanda as matrículas em EJA no estado de Santa Catarina em 2019 somaram 43.674 representando, portanto, menos de 4% da demanda.

Apesar desse quadro e da importância do reconhecimento da educação como “direito de todos e dever do Estado e da família” (BRASIL, 1988) e da situação de vulnerabilidade ampliada dos sujeitos ao qual a modalidade se destina, a EJA segue o percurso marcado historicamente pela desigualdade e instabilidade nas políticas públicas sofrendo um trágico desmonte.

Praticamente ignorada pelo Ministério de Educação (MEC) a EJA está alocada na Secretaria de Alfabetização (SEALF), mas até o momento a sua única política executada é a do Exame Nacional de Certificação. Assim, significa um retrocesso em termos de políticas públicas. A EJA sofreu a maior retração do financiamento educacional e das ações executadas pelo MEC entre 2016 e 2019, pois nesse “período, o orçamento pago para a EJA declinou de 485,4 para 21,2 milhões de reais” (ANDRADE, 2020).

Destaca-se ainda que a EJA permanece com o menor fator de ponderação no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), uma política que atinge 70,3 milhões de jovens, adultos e idosos acima de 25 anos no Brasil que não concluíram a Educação Básica – 52,6%.

Frente a esse contexto e acreditando que são os sujeitos, que vivenciam e constroem a EJA, os capazes de formular alternativas para a constituição do modelo pedagógico próprio para a modalidade - e compreendendo o FEJA SC como instrumento de articulação política imprescindível para o exercício da gestão democrática da EJA em Santa Catarina - foi desencadeado o processo de consulta e mobilização por meio de um levantamento. Os resultados do referido instrumento são apresentados neste texto na forma de uma síntese coletiva que pode ser expandida para a realização de um percurso formativo dialógico envolvendo os diferentes sujeitos da EJA.

Para o desenvolvimento deste documento, buscamos na introdução contextualizar o momento histórico em que se situa a EJA. Na seção seguinte,

apresentamos o instrumento de coleta e o perfil dos respondentes. Segue, a partir daí a apresentação do cenário da EJA em SC no contexto da pandemia com as contribuições coletadas nas falas de professores(as), gestores(as) e estudantes. Nas considerações finais, realizamos alguns apontamentos na perspectiva de sintetizar desafios e, frente às (im)possibilidades desse momento, propor a continuidade do diálogo em ação, como um exercício de alinhar a utopia e nela encontrar sentidos para a escolarização na EJA e o delineamento de nossa ação política coletiva.

## **II - Aproximações no contexto do distanciamento e do isolamento**

Pautado na compreensão da importância do fazer com o outro e coletivamente buscar alternativas emancipadoras e emancipatórias, o questionário lançado pelo FEJA SC toma como referência a ideia de Fórum como espaço de articulação e de constituição de identidades, forjadas na luta pelo direito à educação e, portanto, de constituição da docência e da discência no seio da ação política.

Ciente desses princípios e frente a essa situação decorrente do isolamento e das inquietações geradas pelo contexto, é que o FEJA SC optou pela realização do levantamento como estratégia de consulta e mobilização dos(as) professores(as), gestores(as) e estudantes. Essa consulta pública realizada nos meses de junho e julho de 2020 cobriu todas as mesorregiões do Estado de Santa Catarina e teve como forma de divulgação grupos de *WhatsApp* e a lista de *e-mails* do FEJA SC, alcançando cerca de 1200 pessoas. Como retorno tivemos um total de 369 respostas que serviram de base para a escrita deste texto, visando compreender o contexto e levantar demandas e encaminhamentos prosseguindo a defesa do direito à EJA, compromisso do FEJA-SC.

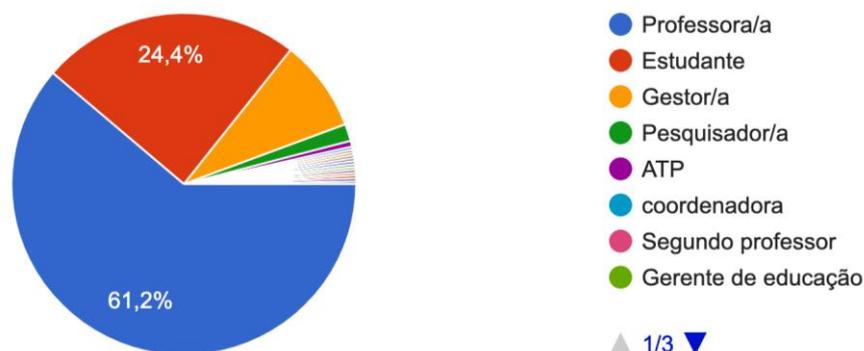
As respostas dos questionários demonstram contradições que são inerentes a esse momento histórico e se expressam em falas que reconhecem o grande esforço de todas as pessoas envolvidas, assim como o cenário de vida dos sujeitos da EJA. Por outro lado, apontam limites nos resultados do trabalho desenvolvido, tendo como referência a participação dos estudantes.

Do total de respondentes (369), 61% (226) são professores, 24,4 % (90) são estudantes, 8,7%, (32) são gestores(as), nomenclatura que engloba diferentes atividades (coordenador(a), supervisor(a) escolar, técnico(a) em atividades administrativas, gerente de educação, articulador(a), orientador(a) educacional, diretor(a) de ensino na Secretaria Municipal), 1,6% (6) são pesquisadores(as) e uma pessoa se identificou como militante. (Gráfico 1).

### Gráfico 1- Formas de atuação na EJA – SC- 1º semestre 2020

Você atua na EJA como

369 respostas



Fonte: Formulário encaminhado pelo FEJA SC

Dos 295 municípios de SC, recebemos retorno ao formulário participantes de 41 cidades, representando todas as regiões do Estado. (Quadro 1).

### Quadro 1: Regiões e cidades dos participantes do levantamento

Mesorregiões	Municípios participantes do levantamento
Oeste Catarinense	Alto Bela Vista, Caçador, Concórdia, Faxinal dos Guedes, Ipira, Irani, Piratuba, São Miguel do Oeste, Videira, Xanxerê, Xaxim, Chapecó, São Domingos, Ipuçu, Passos Maia
Norte Catarinense	Canoinhas, Jaraguá, Joinville, São Bento do Sul, Barra Velha, São Francisco do Sul, Itapoá
Planalto Serrano	Campos Novos, São Joaquim, Zortéa, Brunópolis, Ibiam
Vale do Itajaí	Balneário Camboriú, Camboriú, Porto Belo, Gaspar, Itapema, Timbó, Bombinhas, Penha
Grande Florianópolis	Biguaçu, Florianópolis, Palhoça, São José, Santo Amaro
Sul Catarinense	Grão Pará, São João do Sul

Fonte: Levantamento organizado pelo FEJA/SC, 2020.

Quando questionados sobre como têm se sentido no contexto de isolamento social, houve dois posicionamentos no total de respondentes que contaram com mais recorrência nas respostas: um que conjuga momentos de tranquilidade e/ou medo, mas sempre articulada à sobrecarga de trabalho ou de atendimento familiar; e outro que situa a percepção de vivenciar entre momentos de tranquilidade e de ansiedade. Já com

menos recorrências temos outros posicionamentos: a indicação de momentos de tranquilidade conjugada com ansiedade e ou medo; de preocupações financeiras e saúde do trabalho presencial; e outro que revela a sobrecarga pelo trabalho e/ou atendimento familiar e saudades do trabalho presencial.

Particularmente para a maioria dos estudantes, o sentimento oscila entre ansiedade e medo, uma grande preocupação com o financeiro e mesmo aqueles que colocam algum sentimento de tranquilidade apontam a sobrecarga pelo trabalho familiar e externo.

Em síntese: 267 pessoas, representando 72,4% assinalaram que vivem *alguns momentos de tranquilidade e outros de ansiedade e/ou medo*. A *sobrecarga pelo trabalho (familiar e/ou externo)* se apresenta para 143 pessoas (38,8%) e *as preocupações devido a problemas financeiros* foi assinalada por 89 pessoas (24,1%). A *saúde por voltar à escola/trabalho* foi assinalada por 186 pessoas (50,4%).

O medo, a incerteza, a instabilidade emocional e as perspectivas de esperança são os principais sentimentos que acompanham professores(as), gestores(as) e estudantes.

### **III. O cenário da EJA em SC: a pandemia e o atendimento remoto**

Para delinear o cenário da EJA em Santa Catarina, tomamos como referências as questões que indagavam sobre a existência ou não de contatos entre professores(as) e estudantes e informações relacionadas com a experiência do atendimento remoto e o retorno de participação dos estudantes nas propostas desenvolvidas pelas redes de ensino. Na sequência, evidenciamos o sobretrabalho que tem marcado a vida dos professores e problematizamos os condicionantes sociais e existenciais que impedem o gozo do direito à educação no atual contexto da pandemia e do atendimento remoto.

#### **Contatos e atividades remotas: a ação pedagógica (im)possível**

Diante da situação imposta pelo isolamento social, preconizado como a alternativa mais segura para enfrentamento da crise sanitária, a grande maioria das escolas (85,1%) tem buscado formas de manutenção do contato com os estudantes (gráfico 3).

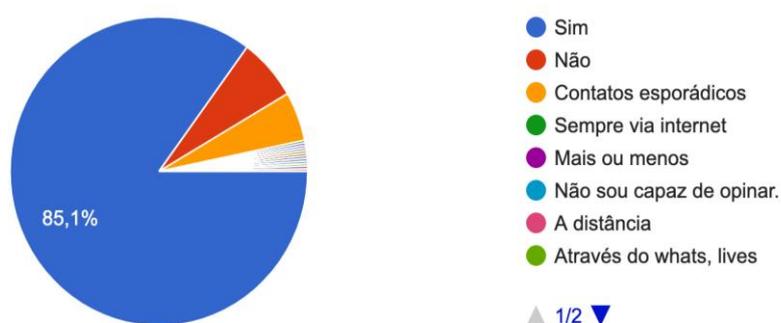
As escolas também têm encaminhado, por diversos meios, atividades, principalmente, via plataformas *online* (foram indicados *whatsapp*; *facebook*, plataformas específicas, site do *educarweb*; *google classroom* e plataforma *moodle*), e também atividades impressas que os

alunos buscam na escola ou, até mesmo, são levadas nas casas pelos professores e gestores. Os telefonemas também estão sendo modos de contato. Percebe-se que os professores e estudantes estão, de alguma forma, satisfeitos com tais contatos porque os percebem como possibilidades de conexão com a escola. E, afirmam que *“todos estão se esforçando ao máximo para professores e alunos não perderem o contato”*, como situa uma respondente.

### Gráfico 3- Contato com os estudantes – SC- 1º semestre 2020

Na unidade de ensino (Escola, Núcleo, CEJA) onde você atua, estão mantendo contato com os estudantes?

369 respostas



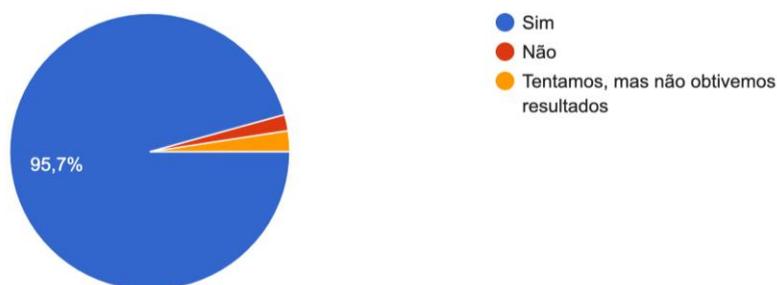
Fonte: Formulário encaminhado pelo FEJA SC

Ao perguntarmos sobre o encaminhamento de atividades aos estudantes, 95,7% disseram que sim, estão enviando atividades. Porém, cerca de 50% dos estudantes não conseguem acompanhar as atividades. As duas perguntas seguintes evidenciam que o fato de manterem contato e enviarem atividades não significa que a atividade pedagógica foi realizada com êxito. (Gráfico 4).

### Gráfico 4- Encaminham atividades aos Estudantes – SC- 1º semestre 2020

Na unidade de ensino (Escola, Núcleo, CEJA) onde você atua, estão sendo oferecidas atividades remotas?

369 respostas



Fonte: Formulário encaminhado pelo FEJA SC

Questionados sobre se sabiam sobre a situação escolar dos estudantes da EJA durante a pandemia (Gráfico 5), do total de 369 respondentes: 208 pessoas (56,4%) disseram que sabiam da situação e que os estudantes estariam conseguindo acompanhar as atividades propostas; e 133 pessoas (36%) assinalaram que poucos estudantes estavam conseguindo acompanhar as atividades propostas.

**Gráfico 5- Situação escolar dos estudantes durante a pandemia – SC- 1º semestre 2020**

Você saberia dar uma ideia sobre a situação escolar dos estudantes da EJA durante a pandemia?

369 respostas



Fonte: Formulário encaminhado pelo FEJA SC

Apesar das respostas daqueles que afirmam: "sim, estão conseguindo acompanhar e desenvolver as atividades", contamos ainda com respostas preocupantes que demonstram um cenário desfavorável, o que nos leva a pensar sobre as condições em que os estudantes estão realizando tais atividades.

*Poucos alunos têm acesso às atividades remotas, e poucos alunos têm procurado a unidade para buscar as atividades impressas, em porcentagem eu diria que atendemos a 50% dos alunos, aproximadamente.*

Desse modo, ao analisarmos a situação escolar dos estudantes da EJA, a contradição se evidencia ao se perceber que há várias afirmações de que "sim, estão devolvendo as atividades, mas, poucos estão conseguindo acompanhá-las". Os depoimentos a seguir demonstram tal questão:

*Não se tem muito retorno das atividades, pois a realidade dos sujeitos da EJA é a de estar aprendendo presencialmente e no espaço escolar.*

*As demandas da vida adulta ou dos adolescentes estão relacionadas ao mundo do trabalho. O momento atual, as dificuldades da própria pandemia, que trouxeram um agravamento das angústias e dificuldades, para minimamente sobreviver (com crianças e idosos,*

*muitas vezes em casa), trazem um cenário delicado para se criar um tempo de produção*

*Alguns mudaram de endereço e cidade, visto que muitos alunos estão perdendo os seus empregos, forçando-os a retornarem aos seus lugares de origem, pois muitos alunos são filhos de agricultores e vem de outros estados e municípios de SC*

Quando analisamos as respostas dos 90 estudantes, 43 apontam que estão conseguindo acompanhar as atividades propostas pela rede de ensino, mas 31 estudantes responderam que muito poucos estão conseguindo acompanhá-las. Percebe-se tal contradição ao identificar de que há o acesso às atividades, contudo as condições em que esses alunos estão realizando estas atividades podem impossibilitar que a aprendizagem se processe com êxito.

### **Condicionantes que impedem o gozo do direito à Educação**

Vivenciando uma situação inédita para todas as pessoas, as informações coletadas demonstram um esforço para a manutenção do contato e na busca de alternativas que possam viabilizar a promoção do direito, com exceção das turmas da educação prisional que tiveram o atendimento suspenso e os professores demitidos nas semanas seguintes à publicação do questionário. Desse modo, a Educação em Presídios e em espaços socioeducativos não teve ensino remoto ou o envio de atividades, perante a proibição da Secretaria de Administração Prisional (SAP) justificando o risco de propagação da Covid-19 nas unidades prisionais de Santa Catarina. Indagamos se para garantir os direitos desses sujeitos não haveria formas de higienização de tais materiais ou de se pensar em outras alternativas?

Nos dados coletados há um reconhecimento por parte dos professores(as) e gestores(as) de que tem sido feito o possível para garantir o contato e a oferta de atividades que mantenham os estudantes mobilizados, apesar das dificuldades de retorno por parte dos estudantes. Esses últimos, por sua vez, demonstram o reconhecimento desse esforço por parte dos profissionais. Apesar disso, segue na EJA a exclusão de todos os estudantes que não tem condições de acompanhar as atividades propostas e mesmo em relação aos que tem acompanhado caberia a pergunta: a realização de atividades, de fato, cumpriria a função reparadora, equalizadora e qualificadora prevista como precípuas da modalidade?

A seguir, discorreremos sobre os condicionantes sociais que impedem o gozo ao direito à EJA.

Ao perguntamos se o participante saberia descrever, mesmo que brevemente, a situação da EJA em sua unidade escolar/município, as respostas trouxeram um conjunto de informações de caráter qualitativo e permitiram situar na sequência algumas características sobre a situação escolar dos estudantes e dos professores de EJA em SC no contexto da Pandemia.

O acesso aos recursos tecnológicos é um elemento fundamental revelador da desigualdade, pois mais da metade dos respondentes apontam problemas de acesso que vão do “não tem o equipamento”, “pouco sinal”, “pacotes de dados insuficientes” até a “inabilidade no uso das ferramentas on-line”. Nesse ponto as respostas tangenciam entre alunos que têm dificuldades de acesso à internet, seja por falta de sinal, seja de acesso a ferramentas, alegando necessidade de material impresso e não pelo uso de *WhatsApp*, apontando custos para impressão. Somado a essas dificuldades há os que estão trabalhando e se sentem sobrecarregados com as várias tarefas que se acumulam, como o trabalho para o sustento familiar, as tarefas da casa e as atividades escolares (suas e de seus filhos), como revelam suas falas:

*Mais da metade dos estudantes não possuem telefone para contato, logo não temos notícias suas.*

*A maioria dos estudantes não possui internet, ou celular ou ambos.*

*Muitos deles não têm acesso às TICs.*

*Estão bastante deprimidos com algumas dificuldades com a tecnologia.*

*Poucos têm acesso à internet, a maioria trabalha de forma informal, a pandemia provocou a piora da qualidade de vida certamente.*

*Temos casos diferenciados, alunos sem acesso a internet, alunos com dificuldades financeiras, e alunos com uma melhor estabilidade.*

As dificuldades de acesso se revelam também do ponto de vista pedagógico, quando os professores(as) e gestores(as) apontam que os(as) estudantes não conseguem estudar sozinhos e que, portanto, demandariam mediações mais específicas e permanentes dos professores:

*Falta de apoio para desenvolver as atividades de Estudo, mesmo com a mediação dos professores através do WhatsApp.*

*É um momento difícil, nos perguntam sempre quando o semestre irá terminar ou seja estão incertos quanto ao término de seus estudos e*

*sabemos que eles dependem deste término para encaminharem suas vidas.*

*Estão passando matéria pelo classroom e eu não estou conseguindo acessar e nem acompanhar.*

Aqui sobressai um aspecto fundamental que nos leva a refletir sobre o tipo de atividades que são programadas para os estudantes no ensino remoto. Professores(as) e gestores(as) evidenciam que a ausência de mediações docentes dificultam a atividade por parte dos(as) estudantes e percebem que o modo como as atividades remotas estão sendo desenvolvidas podem estar impedindo a aprendizagem. Evidenciam também o fato de os(as) professores(as) não terem formação e nem recursos materiais necessários e suficientes para prepararem atividades pedagógicas não presenciais mais significativas.

O contexto de estudos não presenciais no ambiente da pandemia marca afastamentos e abandonos escolares, especialmente para os estudantes da alfabetização, incluindo aí estudantes estrangeiros, que possuem ainda maior dificuldade em acompanhar as atividades por conta dos limites na compreensão da língua portuguesa.

*Também as aulas à distância estão sendo muito difíceis para os estrangeiros, pois não dominam a Língua Portuguesa e os brasileiros não alfabetizados ou em processo de alfabetização.*

*No Ensino fundamental está acontecendo muita evasão. No Ensino Médio estamos com um bom resultado.*

*Alguns alunos estão desistindo por não conseguirem se organizar com os estudos em casa.*

*Poucos alunos continuaram acompanhando após a utilização das atividades não presenciais.*

Entre as consequências desse processo está a ampliação das desistências e abandonos (40 menções), seja pelas condições econômicas, seja pela forma de organização do acesso aos conhecimentos. Na pandemia, as dificuldades econômicas e sociais se intensificaram levando os estudantes da EJA a, mais uma vez, priorizarem a produção da vida, a cuidar da família para depois, se der tempo, estudar.

*Grande parte dos alunos estão sem emprego, renda e evadindo da escola. Estão se sentindo excluídos pela escola e pelo estado nesse processo de aulas à distância*

*Imagino que a situação dos estudantes da EJA no contexto de pandemia, seja de extrema desproteção por parte do Estado.*

Fenômeno recorrente na EJA, a evasão tem merecido vários estudos buscando encontrar suas causas e propostas que mitiguem este problema. As causas da evasão com a pandemia se agravaram pois dizem respeito às condições econômicas que

impossibilitam a coordenação entre trabalhar, cuidar da família e estudar, assim como relacionada a questões pedagógicas quando os(as) estudantes não encontram sentido nas atividades escolares. As atividades remotas, além dos problemas já mencionados, suprimem um dos fatores mobilizadores da presença dos estudantes na EJA que é o contato com os colegas, com os amigos, com os professores e, portanto, de maiores mediações pedagógicas.

## **O sobretrabalho na vida de professores e professoras**

*Os professores e direção estão trabalhando e muito para nos ajudar, sem educação a pandemia seria muito pior. (Estudante)*

As respostas ao mapeamento nos revelam o grande esforço por parte dos profissionais das escolas para manter os estudantes em atividade escolar buscando manter vínculo e produzir e encaminhar atividades aos estudantes. Pode-se observar, até mesmo, algum otimismo por parte alunos, dos professores e gestores que revelam uma grata surpresa com as devolutivas dos estudantes, mesmo que parciais. Esperavam menos. Destaca-se que o coletivo de profissionais das escolas está se reinventando e criando formas de interação com os estudantes.

*Trabalhando em dobro para tirar dúvidas dos alunos correndo atrás de quem não faz, aí a gente vence até pelo cansaço.*

*Como todos nós, incertezas e esperança de dias melhores. Mas a EJA do nosso município mantém frequentemente o contato com os alunos para mantermos sempre o vínculo*

O sobre-esforço se inicia na forma de fazer o contato e na efetivação das ações não presenciais junto aos estudantes.

*Estamos trabalhando com muito esforço tanto Equipe Gestora, professores e alunos em parceria com a CRE para recebimento e entrega de atividades impressa e remota para um bom andamento dos trabalhos.*

*Oferecemos atividades através do sistema online e material físico, impresso. No início os alunos se assustaram, principalmente com a utilização do sistema*

*Os professores todos demonstram interesse e estão orientando seus alunos uns, via WhatsApp e outros, pelo classroom. Temos alguns alunos recebendo atividades impressas também.*

Os/as estudantes, por sua vez, tecem elogios aos esforços dos professores e direção na preparação de atividades, no encaminhamento destas, seja na forma das aulas *online*, seja na entrega de materiais impressos.

*Acredito que a escola EJA está fazendo bem sua parte de ajudar os alunos nas atividades, os professores auxiliando quanto à dificuldade.*

*Estão se esforçando para passar o melhor conteúdo para os alunos*

*É um momento delicado, mas sempre que precisei tirar alguma dúvida sobre as matérias sempre foram esclarecidas pelos professores, materiais didáticos também foram entregues pela secretaria*

*Eles auxiliam a gente em tudo, estão sempre dispostos a ajudar.*

A participação dos/das estudantes na forma de atividades remotas, portanto, deve-se a ações de professores e gestores. Como afirmam dois participantes da pesquisa, parece que os/as docentes e estudantes estão em “momentos de reinvenção, buscando sempre fazer o melhor dentro de nossas possibilidades” e, “estamos indo, uns ajudando ou outros”. Afirmam também, que “esse processo é cansativo, mas gratificante”. Esses momentos e movimentos são marcados na dimensão do planejamento e na tentativa de mediação didática o que é perceptível nas seguintes falas:

*Também temos dois dias por semana com atendimento presencial, respeitando e seguindo as orientações e normas da secretaria da saúde, para entrega de material impresso para aqueles que precisam e, também nesses dois dias nos três turnos os alunos e professores podem usar a internet e computadores da escola, caso tenham necessidade.*

*Realizamos sempre a busca ativa nos alunos que não estão participando de nenhuma das situações mencionadas anteriormente.*

*Essas propostas são produzidas coletivamente pelos educadores em reuniões virtuais para logo serem enviadas como sugestão para a criação de novas produções.*

*Fazemos reunião online com professores e alunos por turmas.*

*Realizamos várias ações para chegarmos até eles, sendo através de *whatsaap*, atividades impressas entregues nas escolas, como, também entregas domiciliares.*

O sobretabalho que marca a ação dos professores, nos remete à possibilidade de criação de “inéditos viáveis” que auxiliem na construção de conhecimentos e na superação das situações-limite, que, às vezes, parecem intransponíveis (FREIRE, 2011). Os profissionais das escolas mostram seus compromissos com a educação buscando construir ações que superem o inconformismo e se aproximem da esperança como ensina Paulo Freire.

Além das atividades pedagógicas que não estavam preparadas para fazer, professores/as e gestores/as organizaram ações de solidariedade com seus alunos.

*Nós, profissionais do núcleo, ligamos e entregamos algumas cestas básicas para as famílias mais necessitadas que conseguimos contato.*

*Nós professores e coordenação estamos ajudando no que podemos, como encaminhá-los para serviços assistenciais e com cestas básicas providenciadas entre nós professores, nossos amigos e familiares*

*Professores realizando cotização para compras de cestas básicas e materiais de higiene. Alunos desempregados, endividados e dificuldades de alimentação.*

*Realizamos também ações sociais como distribuições de cestas básicas, agasalhos e outros para os estudantes em necessidades.*

Apesar do sobre-esforço, os professores ressentem a ausência de reconhecimento e valorização do trabalho realizado, por parte de Secretarias de Educação, em especial, denunciam a situação dos profissionais que atuam nas unidades prisionais. Impedidos de trabalhar com seus alunos, envolveram-se com o trabalho nos seus centros educacionais e participaram na elaboração de atividades para os demais estudantes que não são do sistema prisional, mas apesar disso, seus contratos estão sendo ameaçados de cancelamento, conforme afirmamos anteriormente.

### **O dia a dia no contexto familiar, a sobrevivência e bem-estar pessoal**

Na última questão do levantamento perguntamos: você saberia dar alguma ideia sobre a situação de vida dos/das estudantes da EJA durante a pandemia (trabalho, escola, família...)? Dos 369 participantes, 260 responderam que sim e emitiram alguma opinião que nos permitiu vislumbrar a situação dos estudantes para além da escola. Outros 106 participantes, responderam que não. As respostas, mais uma vez, mostraram o grau da desigualdade acentuada no contexto da pandemia. As situações mais citadas foram: perderam emprego/desemprego; sobrecarga de trabalho em casa; medo; impossibilidade de realizar o isolamento social.

O desemprego e o trabalho informal são a marca dos sujeitos da EJA em épocas de não pandemia como já dissemos no início deste texto. E essa situação, como era de se esperar está muito mais grave: 38 respondentes mencionaram a perda de emprego (sem empregos/desempregados) como consequência da pandemia, além das muitas menções afirmando que a maioria dos estudantes está “passando por dificuldade”.

*Muitos desempregados, muitas mães arrimos de família.*

*[...] parte deles indicou que está desempregada e/ou recebendo auxílio do governo ou da instituição.*

*Alguns alunos foram morar com parentes; alguns foram cuidar dos avós; há alunos desempregados,*

*São trabalhadores autônomos em sua grande maioria (diaristas, pedreiros, ambulantes) ou então da rede hoteleira.*

*Muitos têm dificuldades financeiras, medo, ansiedade, depressão, perderam família, emprego, a maioria são mães e dona de casa, trabalho dobrado para manter a família.*

*Muitos desempregados, com os filhos em casa, e sem condições psicológicas para efetuarem as atividades enviadas pelos professores*

A situação das mulheres é ainda mais grave, pois precisam articular trabalho que gere renda, cuidados da casa, dos filhos e dos estudos deles e do seu. À questão de gênero, se somam às desigualdades econômicas no enfrentamento e vivência da pandemia:

*Algumas jovens mães tentando se organizar entre o cuidado dos filhos e realização de atividades escolares.*

*Alguns alunos perderam o emprego, tenho várias alunas mães que está ajudando os filhos nas aulas, a esses alunos. Estou oportunizando ainda mais atendimento em horários diferentes e recebimento de atividades.*

*Muita apreensão. Muitas mulheres estão em casa cuidando dos filhos pois não tem acesso à creche.*

Tal situação demanda ações de solidariedade nos grupos de EJA, no sentido de ajudar os “alunos desempregados, endividados e com dificuldades de alimentação”, constituindo aí uma dimensão curricular frequente a ser considerada:

*Falta de alimentos, ansiosos para estudar presencialmente e voltar a vida normal.*

*Problemas financeiros, desemprego, dificuldades para acompanhar as atividades remotas e muitos precisam de alimentos (encaminhados à assistência social do município).*

Além disso, nas condições de isolamento e distanciamento social, aumentaram os casos de violência doméstica, violência sexual, dentre outros tipos de violência.

*Temos alguns alunos com problemas de relacionamento em casa e estão sendo acompanhados pela direção.*

*Idosos que não têm apoio dos familiares.*

Compõem esse cenário da EJA, pessoas que representam o segmento da população como já dissemos anteriormente, que vivenciam nesse momento a experiência da fome, o trabalho mais precarizado, o trabalho informal, o desemprego, o

subemprego, a exploração da terceirização, demandando ações de solidariedade nos grupos de EJA, no sentido de ajudar os “*alunos desempregados, endividados e com dificuldades de alimentação*”, constituindo aí uma dimensão curricular frequente.

Ainda assim, nos chamou a atenção as respostas de 109 pessoas (28,7%) que responderam que não sabiam dizer nada acerca da vida dos estudantes no contexto da pandemia. Este fato nos leva a questionar sobre o conteúdo e o sentido dos contatos realizados que, ao que parece, mantém-se em grande parte nos marcos escolares e disciplinares. Ora, se na EJA, compreendemos que as experiências culturais dos sujeitos são o ponto de partida para o desenvolvimento curricular, como poderemos entender essa aparente contradição? Qual o sentido das atividades remotas e do sobreesforço de professores/as e gestores/as? Nesse aspecto, poderíamos concluir que embora o sobreesforço e a realização de ações solidárias por parte de professores/as, a real condição de vida dos estudantes ainda não é componente do próprio currículo da EJA no contexto da Pandemia, o que é contraditório.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procuramos nesta última sessão do texto delinear apontamentos a título de síntese a respeito dos seguintes pontos: a) da experiência da consulta realizada pelo FEJA junto de professores/as, gestores/as e estudantes; b) do cenário da EJA em Santa Catarina no contexto da pandemia da COVID-19 e; c) dos desdobramentos desse conjunto de reflexões para a continuidade da luta do movimento social em defesa da EJA como direito público.

O retorno em relação ao questionário *online* demonstra a percepção dos professores, gestores e estudantes quanto à urgência e à necessidade de busca de saídas coletivas frente à situação atual que estamos vivenciando em todo o estado de Santa Catarina.

Na leitura da planilha com a consolidação dos dados apresentados pelos/as informantes foi possível encontrar falas que demonstram o resultado de discussões coletivas realizadas nos municípios como alternativas para a participação de professores/as no levantamento proposto pelo FEJA SC, inclusive com a mobilização de estudantes por parte desses educadores/as.

As falas dos/as estudantes indicam principalmente o reconhecimento do esforço dos/as professores/as em garantir uma forma de atendimento adequada ao contexto em

detrimento de outras reivindicações que podem ainda vir na continuidade da mobilização, como a defesa da suspensão das avaliações, a reorganização dos calendários escolares de modo a não prejudicar aos estudantes que encontram-se sem condições de participação e, principalmente, a luta pelo direito à EJA.

Assim como as falas dos/as estudantes e de professores/as e gestores/as indicam a preocupação em demonstrar as dificuldades inerentes ao cenário e de reconhecer os esforços realizados, também em detrimento das reivindicações que talvez ainda possam vir, como por exemplo: a formação continuada para a formulação de conhecimentos que possam dar conta das necessidades imediatas do momento; a garantia pelas redes públicas de ensino quanto às infraestruturas necessárias para o atendimento não presencial (o que vem ocorrendo por meio da doação por parte de professores dos seus celulares, computadores redes de internet); o respeito às férias, e os demais direitos trabalhistas que correm riscos nesse momento ou defesa do emprego.

Em relação ao cenário da EJA em Santa Catarina, quanto às condições, limites e possibilidades da realização de ações educativas no atual contexto da pandemia, o desenho delineado por meio das respostas não é animador, apesar do sobre-esforço dos trabalhadores na Educação e do reconhecimento desse processo por parte dos estudantes.

Há um aspecto bastante limitador que gera uma situação de insegurança, e deriva da impossibilidade de certezas nesse momento. Ninguém sabe quanto tempo vai durar a pandemia, quando contaremos com uma vacina e, principalmente, quais serão os desdobramentos futuros de vida e de educação decorrentes do momento crítico em que estamos vivendo. No entanto, o mesmo cenário é revelador das desigualdades que demarcam as experiências de vida dos sujeitos da EJA, assim como, da marginalidade das políticas educacionais para esta modalidade.

Assim, o processo de consulta realizado pelo FEJA é permeado por marcas das contradições inerentes ao próprio momento em que estamos vivendo e, marcamos as principais:

- como dizer que o que estamos fazendo como professores/as e gestores/as não atende ao direito à EJA em um momento em que fazemos o que é possível e digno de reconhecimento? E como se faz a necessidade de validação do nosso trabalho, muitas vezes que mostra um sobretrabalho?

- como não reconhecer que, na condição de estudante, não estamos aprendendo quando precisamos da continuidade do atendimento para dar conta de nosso desejo de conclusão da Educação Básica?
- como defender a suspensão do calendário quando reivindicamos o reconhecimento de nosso esforço à participação nas atividades propostas e realizadas por parte de um grupo significativo de estudantes?

Enquanto não temos respostas em relação ao percurso que iremos trilhar nessa luta contra o vírus, o que podemos afirmar é que, o direito à EJA não está suspenso, por isso, nenhum estudante de EJA deve ficar excluído. Pelo contrário, devemos trabalhar no sentido de construir processos pedagógicos que façam sentido para esses jovens e adultos. É preciso considerar que as atividades remotas ou tarefas de casa, podem, por um lado se tornar impossível, dadas as condições reais desses estudantes e, por outro, incoerentes, dadas a experiência escolar que na EJA exige mediação, presença e interação permanentes.

Então, para além do acesso real para as atividades em casa, é preciso garantir o acesso dos sujeitos da EJA com condições escolares objetivas (internet banda larga, sinais de telecomunicação, televisão, rádio, notebook, telefones). O Estado precisa também os incluir na política de segurança alimentar, de saúde, para que não saiam, não rompam o isolamento, afinal trata-se de uma população, em sua maioria, em contexto de vulnerabilidade social. As ações de solidariedade das escolas com arrecadações para cestas básicas são importantes ações pedagógicas, mas não são suficientes diante dessa vulnerabilidade social.

Considerando a particularidade da EJA (implicações das condições de vida e do trabalho), precisamos estar vigilantes sobre a questão das atividades ofertadas, para que estas não sejam computadas como carga horária (parecer 11/2000 e resolução 01/2010 que institui diretrizes operacionais da EJA). O parecer recomenda que seja respeitada a legislação e que se observe a autonomia e competência das instituições e, que essas dialoguem com os alunos na busca de soluções.

O contexto atual político no Brasil não garante proteção necessária à vida, à saúde e à sobrevivência da população brasileira mais vulnerável economicamente, em que se encontram os estudantes da EJA. Tampouco, há políticas públicas que garantam a educação de qualidade para todos. Esse fato tende a acarretar desemprego, precarização do trabalho, medo, insegurança, incerteza e falta de proteção.

Levando em consideração o cenário exposto, o FEJA SC compreende a necessidade de manter esse processo de mobilização desencadeado com o envio do questionário, por meio da proposição de um percurso formativo com eventos *online* de forma a alimentar a continuidade do debate, a sua sistematização e a organização da ação política em defesa do direito à EJA em Santa Catarina.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rodrigo Coutinho. **Educação De Jovens E Adultos. Educação: O Fosso é mais fundo.** Disponível em <https://diplomatie.org.br/educacao-o-fosso-e-mais-fundo/>. Acesso em 22 de junho de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº3, 15/6/2010.** Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=5642&Itemid=>](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=5642&Itemid=>)>. Acesso em: 29 jul.2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Parecer n. 11 de 10 de maio de 2000.** Brasília: MEC, 2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2020.